

## A PESQUISA COMO MEIO DIDÁTICO NO ENSINO SUPERIOR

Isabel Cristina Ferreira\*

### Resumo

Acreditando que a Educação Superior tem como meta induzir mudanças e progresso na sociedade, o presente estudo pretende expor a necessidade de formar o aluno pesquisador que buscará conhecimentos, participará da elaboração ou reelaboração desses conhecimentos dentro de uma perspectiva dialética, baseando-se em uma concepção de homem como um ser ativo e de relações, e numa concepção de conhecimento que não pode ser "transferido" de um para o outro, mas sim construído pelo sujeito na relação com o mundo. Busca, de forma bastante original, demonstrar que a pesquisa é grande saída para o Ensino Superior, um meio que ensina, transforma, traz autonomia e senso crítico ao aluno universitário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa, Ensino Universitário, Metodologia, Autonomia Acadêmica.

### Abstract

Believing that the Superior Education has as goal to induce changes and progress in the society the present study it intends to expose the need to form the searching student that will look for knowledge, it will participate inside of the elaboration or reelaboration of these knowledge of a perspective dialética basing on a man conception as a to be active and of relationships and in a knowledge conception that cannot be "transferred" of one for the other but yes built by the subject in the relationship with the world. It looks for in an original plenty way to demonstrate the ones that the research is great exit for the higher education, a middle that he/she teaches, it transforms, he/she brings autonomy and critical sense to the university student.

**KEY WORDS:** Research, Higher Education, Methodology, University Autonomy.

### Introdução

Através do processo de apropriação e construção do conhecimento desenvolve-se uma nova concepção do mundo, que substitui conceitos empíricos por conceitos científicos.

Ingresso no Sistema Educacional, desde a infância, o indivíduo chega à Universidade com as marcas do tipo de educação recebida durante o ensino fundamental e médio, tenha ele recebido uma educação com marcas da pedagogia "diretiva" e aprendeu apenas a cumprir regras, a não questionar, a submeter-se sempre às ordens de seus professores, enfim, não conquistou sua cidadania, não tem iniciativa e nem criatividade. Ou, quem sabe, foi trabalhado dentro da pedagogia "não diretiva" e traz alguma marca de sua "*deficiência hereditária*," ou seja, sua dificuldade em aprender algum conteúdo programático de alguma área do conhecimento se transformou em uma doença crônica e ele se tornou um sujeito inseguro e espera que os professores facilitem sua aprendizagem. Mas se foi trabalhado dentro da "pedagogia relacional," esse sujeito está consciente de seus direitos e de seus deveres, busca sua realização através de uma profissão que possa lhe trazer prazer, é curioso, sabe que está sempre construindo seu saber, busca na Universidade, juntamente com professores e colegas, um espaço aberto para questionamentos, para compreender mais e cada vez melhor os problemas da humanidade, e solução para suas aflições.

\*Docente da UNIPAR

## A questão metodológica

Um dos problemas que perpassa o ensino universitário é o da metodologia, uma vez que se constata que o ensino universitário está cada vez mais desvinculado da vida cotidiana dos estudantes. Os estudantes acomodados, menos críticos e inseguros, não questionam a metodologia utilizada pelo professor, quando trabalha os conteúdos da grade curricular. Os poucos estudantes questionadores, pois, são a minoria; muitas vezes não conseguem lutar contra o argumento do professor e se submetem a metodologias que apenas comunicam, informam fatos.

Muito utilizada em sala de aula, no ensino universitário, a Metodologia Expositiva faz com que o estudante se acomode, pois recebe tudo pronto. Não é estimulado a problematizar, não questiona e não relaciona seu cotidiano com o que está sendo exposto. É uma metodologia marcada pela fala, sem sentido para o estudante. Transmite-se passivamente um conteúdo desvinculado e descontextualizado para o estudante, ouvinte passivo. Entende-se que, nessa metodologia, o estudante é visto como “tabula rasa”, e o professor vai transferindo seu conhecimento para o aluno que, passivamente, transfere as informações do professor para seu cérebro.

Em função da falta de interação entre sujeito e objeto, entre conhecimento e realidade, do ponto de vista pedagógico, essa metodologia representa um risco, trazendo a não aprendizagem e formando homens passivos, não críticos. Não requer do educador preocupações com o seu aperfeiçoamento contínuo, pesquisando, se atualizando, sendo assim considerada uma metodologia cômoda, barata e desatualizada, mas muito presente nas universidades.

Não tendo a oportunidade de construir seu conhecimento, o estudante acaba não compreendendo os conteúdos necessários para seu desenvolvimento cognitivo, para sua formação e profissionalização, e geralmente assimila a submissão ideológica imposta pelo processo a que está submetido e, assim, desde a infância até a vida adulta, o indivíduo vai crescendo com as marcas de uma educação castradora. Uma forma que proporcione ao estudante viver situações e

conteúdos concretos seria utilizar a pesquisa como um meio didático que, com certeza, colaborará com a formação do sujeito de forma global, envolvendo a formação do caráter, da cidadania e levará o sujeito a transformar a realidade, usufruir de seus direitos e cumprir, de forma consciente, com os seus deveres. Além de satisfazer a sua curiosidade, ele passaria a compreender o mundo em que vive, com maior clareza, criatividade, fazendo uso da crítica construtiva.

Para que tal situação ocorra, é necessário que os professores busquem uma prática pedagógica fundamentada em uma teoria do conhecimento que possa orientar melhor sua prática pedagógica em sala de aula. Uma metodologia na perspectiva dialética, entendendo o homem como um ser de relações e ações.

DEMO (1993) afirma que a pesquisa deve ser *princípio educativo* de toda instituição universitária, pois faz parte do processo emancipatório do indivíduo, tornando-o capaz de realizar projetos próprios. A pesquisa considera teoria e prática em uma unidade, dando-lhes valor de igualdade. Assim, toda teoria confronta-se com uma prática e toda prática retorna à teoria, e uma não tem sentido sem a outra.

Impedindo a aquisição de conhecimento através da pesquisa, está o argumento “falta de tempo” para ler, estudar, confrontar dados; enfim, pesquisar. Mas instituições de ensino universitário precisam vencer esse limite, criando horários programados para dedicação à pesquisa. Oferecer suporte para atividade de criar e recriar, raciocinar e refletir, desenvolvendo mecanismos de pensamento são ações para a educabilidade, garantidas pelo ato de pesquisar.

É necessário que as instituições de ensino superior reconheçam que sua função não é apenas formar profissionais especializados, mas também pessoas que possam lidar com máquinas, objetos e com a realidade em que vivem, preocupando-se com a formação para uma reflexão crítica, obtida através da pesquisa. Todo profissional deve conhecer teoria, realizar uma prática, ter senso crítico, ser independente de instrutores, saber trabalhar em grupos e, acima de tudo, ter conhecimento da realidade e consciência de que é um transformador dessa mesma realidade.

A pesquisa forma estudantes, não apenas conhecedores das questões sociais, mas conscientes de que fazem parte da realidade e que cabe a eles participarem dela ativamente, buscando modificar o mundo em que vivem.

Para ter uma visão crítica da sociedade, o indivíduo, antes de mais nada, deve na universidade ter condições de pesquisar para refletir sobre o que faz, o seu crescimento, e as mudanças que ocorrem na sua vida, juntando esses dados aos oferecidos pelos professores. Sua aprendizagem se tornará autêntica, envolvendo-o totalmente, de forma emocional e intelectual.

VALLIN, (1999), assegura que alguns professores objetivam, na universidade, a formação de um cidadão autônomo, analítico, pensante, flexível e adaptável. Outros dão maior ênfase ao sucesso imediato, tendo em vista a colocação do indivíduo na sociedade que se apresenta atualmente, e no mercado de trabalho.

Sendo assim, algumas iniciativas da universidade, hoje, buscam o sucesso. Sucesso em situações profissionais conhecidas, sucessos nos concursos e sucesso nas provas de maneira geral. Entrega-se pronta para o estudante universitário a explicação mais clara e digerida, de maneira que ele possa, com o mínimo esforço, ser capacitado para executar algumas atividades. Não importa muito se o indivíduo é capaz de analisar o que está fazendo. O importante é que ele seja capaz de fazê-lo com sucesso. Fazer certo e com rapidez. Precisa saber fazer, ou saber responder. Quando se pensa em análises, dentro do ponto de vista do sucesso, as análises desejadas são trazidas pelo professor ou pelo livro, são expostas e aprendidas, melhor dizendo, as análises são reproduzidas, e quando uma explicação é reproduzida, não se tem nenhuma garantia de que o indivíduo será capaz de adaptá-la a outra situação, nem que ele será capaz de estabelecer por conta própria outros raciocínios semelhantes.

Na cultura do sucesso, as coisas precisam ser apressadas. Tudo vem bem explicadinho, e tudo vem bem preparado, de modo que rapidamente se expõe o conteúdo desejado e pode-se supor que o aluno tenha tido condições para aprender.

Na cultura da autonomia e, conseqüentemente da cidadania, é preciso que se espere que cada um

faça suas observações e desenvolva seu raciocínio. Conversas devem acontecer para que uns exponham suas idéias aos outros e que as justificativas sejam examinadas, discutidas. Assim, tudo acontece mais devagar e com maior dificuldade. Pode-se dizer, no entanto, que os estudantes universitários saem do processo com maior firmeza com relação ao conhecimento desenvolvido. Maior firmeza, porque percebem o contexto em que aquelas regras estão inseridas; além disso, saem com um potencial para desenvolver novas observações, análises e críticas. Novos relacionamentos serão estabelecidos individualmente *a posteriori*. O indivíduo estará mais preparado para aplicar seus conhecimentos em situações jamais vistas. Ele será mais criativo, no sentido de que conseguirá mais facilmente encontrar soluções para problemas inéditos. Criar e articular conhecimentos e idéias de maneira a atender um objetivo desejado. Criar não é copiar, não será reproduzir ou repetir.

Deve-se perceber, entre as duas posturas educacionais, que, numa se consegue quantidade e rapidez; e noutra se consegue qualidade e potencial. A primeira está mais relacionada com a aula expositiva; e a segunda está ligada a uma aula dialética, que usa a pesquisa essencialmente como meio didático.

Toda proposta universitária deve incluir a pesquisa como componente necessário, podendo significar consciência e conhecimento. Pesquisar se torna então um desafio, um caminho emancipatório, que não é imposto ou doado por alguém; mas sim, conquista, construção. O valor educativo da pesquisa ultrapassa a descoberta, tornando-se ato de criação. Busca caminhos não descobertos, cria alternativa, coloca a realidade na teoria, revendo assim essa teoria.

O uso de metodologias dialéticas que promovem o diálogo entre estudantes concretizam a cidadania através do debate crítico das idéias, em que o indivíduo não apenas escuta, mas coloca seus interesses e motivos, marca seu próprio espaço e compreende o espaço de seu companheiro. Deixar de ser mero espectador ou ouvinte e ser promovido a falante ou ator, são mudanças que ocorrem a partir da pesquisa, que ensina a recomeçar sempre. Assim o ato de pesquisar é ato de aprender com criatividade, testando, duvidando, desafiando, muito

diferente de aprender copiando, ouvindo. A sociedade deposita muita esperança nos bancos universitários, em que, ano após ano, ingressam jovens que podem encontrar soluções para os problemas que afligem toda essa sociedade.

É o caminho, a alternativa mais indicada para que as instituições universitárias possam corresponder esses a anseios nelas depositados e a Pesquisa como Meio Didático.

*Cabe ao professor-educador descobrir, efetivamente, como ser sujeito em diálogo com a realidade, com o aluno, fazer-se sujeito em diálogo com a realidade, com o aluno; ao aluno fazer-se sujeito em diálogo com o professor, com os demais companheiros, com a realidade social política, econômica e cultural, para que nessa busca de interação seja construída a universidade, que jamais poderá existir sem professor e aluno voltados para a criação e construção do saber engajado, por isso transformado. (LUCKESI, 1991: 44)*

Atualmente se deseja que cada pessoa seja mais do que um executor de alguma profissão. Não se pode mais dizer que alguém está “formado” e que, com isso, poderá gozar de estabilidade ocupacional na sociedade e no mercado de trabalho.

O indivíduo em formação não agüenta mais ser instruído para repetir tantos nomes, operações e relacionamentos. Daí a necessidade de se desenvolver uma pessoa que seja capaz de aprender por seus próprios meios, daí a importância da autonomia.

Autonomia, adquirida através da pesquisa, pode ser equiparada com cidadania. Um estudante é capaz de pensar, não simplesmente por resolver um problema de matemática, mas por conseguir se ver como pessoa na sociedade, que seja capaz de perceber as relações de poder que acontecem e situar a si e aos outros nessa relação; que seja capaz de perceber como cada item curricular será capaz de influenciar em sua qualidade de vida e nas possibilidades de qualidade para a vida de toda a sociedade. Uma pessoa assim pode ser chamada de cidadão, e dificilmente se deixará explorar.

Não se consegue ensinar tudo o que é necessário a uma pessoa. Assim, precisamos

desenvolver nos estudantes a capacidade de aprender e de perceber os objetos curriculares e as relações entre eles por conta própria. Para fazer isso, a Universidade não pode mais “dar aula”. Devem ser propostos desafios, tarefas, pesquisas e trabalhos em grupo, de modo que, durante tempo todo, o estudante esteja buscando o conhecimento. Através da discussão das justificativas, o grupo irá amadurecendo e aprendendo. Trata-se de um pensar coletivo, declarado e discutido.

Quando se fala em melhoria da Universidade, é necessário que se caracterize bem o tipo de tratamento que será dado ao estudante. No processo de formação do ser humano, devemos nos preocupar com o seu senso de justiça e com o respeito que ele terá com toda a humanidade. Devemos desenvolver-lhe a sensibilidade para a percepção das relações de poder na sociedade, para que ele não seja explorado nem explorador.

A pesquisa, como metodologia, é uma ferramenta que tira os professores da rotina e os levam a pensar, servindo como fator decisivo no processo de transformação. Não se pode trabalhar com respostas prontas, nem para o aluno, nem para o professor, e nem para a Universidade. O processo de busca do conhecimento e de busca do modelo de Universidade é o caminho.

## Conclusão

Pesquisa não se reduz a produtos e momentos, mas a atitude permanente de questionamento crítico e autocrítico, diante da realidade e da produção original de conhecimentos. Pesquisa significa uma forma produtiva de conhecimento que, em seu patamar máximo, serve, pelo menos, como capacidade de analisar criticamente, imprimindo ao conhecimento absorvido interpretação própria, capaz de orientar a ação humana.

Como formação educativa, pesquisa passa sempre pela prática, insistindo na formação profissional, domínio produtivo do conhecimento. Cidadania, na Universidade, significa formação política criada através da produção científica.

Na formação universitária de qualidade, existem duas expectativas cruciais: de um lado o domínio de conhecimentos estratégicos, como

instrumentação atualizada para o exercício da cidadania e participação no processo produtivo; de outro lado, a capacidade permanente para se desenvolver. Em ambos os casos, pesquisa é fundamental.

No mundo globalizado de hoje, as transformações que acontecem de forma cada vez mais rápida e acelerada, em todas as dimensões, política, econômica, social e científica, provocam repercussões em todas as organizações, e de maneira especial na Universidade. Essa instituição, pelo seu caráter milenar e pelas suas funções de produção e disseminação do conhecimento, deve analisar todo esse complexo de transformações, procurando se adaptar e, ao mesmo tempo, através da formação de profissionais, da realização de pesquisas e de sua interação com a sociedade, intervir nos vários aspectos desse processo, criticando-o, avaliando-o e sugerindo caminhos alternativos.

As forças sociais que querem construir uma nova cultura política democrática, que dêem legitimidade à diversidade de interesses e ao conflito social, não podem negar a positividade de pedagogias fundamentadas eticamente na valorização do indivíduo; que busque pôr a razão a serviço de sua emancipação, radicalizando a ruptura com os entraves das antigas e novas forças do autoritarismo de nossas tão tradicionais elites.

Acredita-se que a Universidade Brasileira, desde a sua implantação, muito tem contribuído para o progresso intelectual da população, aprimorando a personalidade ou o caráter do cidadão brasileiro. Mas, o desafio propriamente dito, na atualidade, será construir a Universidade capaz em pesquisa, utilizando a própria pesquisa como um meio didático. Trata-se de uma instituição a ser marcada pela excelência e produtividade, definida a partir das pretensões da sociedade.

A Universidade não tem o direito de falar em inovação, se ela mesma não sabe inovar-se. Quando se fala em novos paradigmas, não está em jogo copiá-los, mas competência de construir para melhor inovar. Nesse processo a Universidade deve apoiar a pesquisa, por entender que ela constitui um recurso renovável do saber; e assim, a pesquisa deve assumir a função de instrumento do sistema de ensino-aprendizagem.

Competência na atualidade significa continuidade do ensino, tendo a pesquisa como atividade pedagógica voltada para o avanço da produção de conhecimentos e ações sociais. São questões que convidam docentes e discentes a uma permanente atualização, o que acontece com naturalidade, se as ações metodológicas e pedagógicas da pesquisa estão em evidência, não em laboratórios ou recintos fechados à sociedade.

## Bibliografia

- ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: Editores Associados, 1990.
- BECKER, Fernando; MARQUES, Beatriz Iwaszko. **O Desenvolvimento Cognitivo na Adolescência**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BORGES, Pedro F. **O Professor da Década de 90**. Artigo apresentado no Simpósio de Qualidade Total na Universidade de Mackenzie, 1995.
- DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Parte 2, O Currículo Intensivo na Universidade. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 1997: 55-120.
- . **Desafios Modernos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- D'OLIVEIRA, M. H. **Analisando a Relação Professor-Aluno: do Planejamento à Sala de Aula**. São Paulo: CLR Balieiro, 1987.
- LUCKESI, Cipriano et al. **Fazer Universidade: Uma proposta Metodológica**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Loyola, 1991.
- PIAGET, Jean. **Os Pensadores. Os estágios do desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente**. São Paulo: Abril: 1978.
- VALLIN, Celso. **Proibido dar Aulas**. 1999.